

**Cátia Silene Câmara
Lassalvia**

Universidade Estadual de
Campinas – Unicamp
E-mail:
catia.lassalvia@gmail.com

Marco Túlio Pena Câmara

Universidade Federal do
Tocantis – UFT
E-mail:
marcotulio.camara@gmail.com

Maristella Gabardo

Instituto Federal de
Educação, Ciência e
Tecnologia do Paraná – IFPR
E-mail:
maris.gabardo@ifpr.edu.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Letramentos e integridade da informação: o midiativismo da Agência Lupa na cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul e o papel de educação midiática

*Literacies and information integrity:
Agência Lupa's media activism in its report on
the floods in Rio Grande do Sul and the role
of media education*

*Literacidad e integridad de la información:
El activismo de los medios de la Agencia Lupa
en la cobertura periodística de las
inundaciones en Rio Grande do Sul y el rol de
la educación para los medios*

Lassalvia, C., Câmara, M. T., & Gabardo, M. Letramentos e integridade da informação: o midiativismo da Agência Lupa na cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul e o papel de educação midiática. *Revista Eco-Pós*, 28(1), 332–359.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28470>

RESUMO

Os letramentos (Kleiman, 1995) e a integridade da informação (Santos, 2024) consolidam-se como direitos essenciais na sociedade audiovisual e digital. Enquanto expressão da cultura da conexão, os letramentos midiáticos e informacionais (Unesco, 2021) são fundamentais para garantir o pleno exercício da cidadania, capacitando indivíduos a discernir entre informação e desinformação (Wardle; Derakshan, 2017). O artigo analisa o midiativismo informacional, abordando o papel como processo, resultado e perspectiva no jornalismo (Braighi; Câmara, 2021). São examinadas três reportagens da Agência Lupa sobre as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024, selecionadas por suas estratégias de combate à desinformação e educação midiática. Além de relatar os fatos, essas matérias fortalecem a integridade informacional, promovem mobilização comunitária e impulsionam a inovação tecnológica-social.

PALAVRAS-CHAVE: *Educação para os Meios; Letramentos; Midiativismo; Integridade da informação; Agência Lupa.*

ABSTRACT

Literacies (Kleiman, 1995) and information integrity (Santos, 2024) are established as fundamental rights in audiovisual and digital society. As an expression of the culture of connection, media and information literacies (Unesco, 2021) are essential for ensuring the full exercise of citizenship, equipping individuals to distinguish between information and disinformation (Wardle; Derakshan, 2017). The article analyzes informational media activism, exploring its role as a process, outcome, and perspective in journalism (Braighi; Câmara, 2021). It examines three reports from Agência Lupa on the 2024 floods in Rio Grande do Sul, selected for their strategies against disinformation and media education. Beyond reporting the facts, these pieces strengthen information integrity, foster community mobilization, and drive technological-social innovation.

KEYWORDS: *Media Education; Literacies; Mediactivism; Information Integrity; Agência Lupa.*

RESUMEN

Los letramientos (Kleiman, 1995) y la integridad de la información (Santos, 2024) se consolidan como derechos fundamentales en la sociedad audiovisual y digital. Como expresión de la cultura de la conexión, los letramientos mediáticos e informacionales (Unesco, 2021) son clave para garantizar el pleno ejercicio de la ciudadanía, capacitando a los individuos para distinguir entre información y desinformación (Wardle; Derakshan, 2017). El artículo analiza el mediativismo informacional, abordando su papel como proceso, resultado y perspectiva en el periodismo (Braighi; Câmara, 2021). Se examinan tres reportajes de Agência Lupa sobre las inundaciones de 2024 en Rio Grande do Sul, seleccionados por sus estrategias contra la desinformación y educación mediática. Más allá de relatar los hechos, estos contenidos fortalecen la integridad informacional, impulsan la movilización comunitaria y fomentan la innovación tecnológica-social.

PALABRAS CLAVE: *Educación para los Médios; Letramientos; Midiativismo; Integridad de la Información; Agência Lupa.*

Submetido em 16 de março de 2025.

Aceito em 20 de maio de 2025.

Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir os letramentos e a integridade da informação como direitos fundamentais, refletindo sobre o papel midiativista dos cidadãos e do jornalismo, a partir dos relatos e experiências da *Agência Lupa* durante a tragédia das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul (RS), no ano de 2024. Trata-se de um debate com diferentes lentes, que parte da multiplicidade de letramentos necessários em uma cultura audiovisual-digital, mediada por dados e algoritmos (Lassalvia, 2022, 2025) e do papel do midiativismo (Braighi; Câmara, 2018), na medida em que se apropria da informação como defesa e promoção da verdade verificável acerca dos acontecimentos (Braighi; Câmara, 2021), em um cenário de premeditada desordem informacional (Wardle; Derakshan, 2017; Bucci, 2021).

Além da atualidade do debate, o presente artigo também se destaca por aprofundar a relação entre educação midiática, integridade da informação e midiativismo, temas que se justapõem em suas práticas na escola, no jornalismo e na comunidade. Nesse contexto complexo, no qual vários atores estão em disputa, defendemos que a integridade da informação (United Nations, 2023; ONU Brasil, 2023; Santos, 2024; Araujo, 2024;) e a educação para os meios (Buckingham, 2012, 2022; Gabardo, 2023) são direitos fundamentais, envolvendo práticas que devem criar condições para o midiativismo em diferentes abordagens, desde a escola, e na perspectiva dos letramentos como práticas sociais móveis, que se transformam de acordo com cada contexto e ao longo da vida (Câmara, 2023; Gabardo, 2023; Lassalvia, 2022).

Nesse sentido, o artigo foi estruturado em três seções. Na primeira parte, discutimos os letramentos midiáticos-informacionais como um termo guarda-chuva que aglutina práticas sociais e aprendizagens essenciais em uma sociedade audiovisual-digital, estruturada em rede e mediada por algoritmos, atores humanos e não-humanos, que produzem igualmente (des) informação e sentidos. Em um quadro de horizontalização do fluxo de informações e de

desordem (Castells, 1999; Wardle; Derakshan, 2017; Bucci, 2021), já se torna difícil delimitar quem, quais grupos ou o que realiza o papel de mídia.

O recente debate sobre integridade da informação (United Nations, 2023; ONU, 2023; Santos, 2024; Araujo, 2024) defende a existência de um ecossistema comunicacional crível, plural e transparente, para que a democracia seja possível, tal como propõe o documento “Princípios Globais para a Integridade da Informação”, aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2023). Segundo Araújo (2024), “a temática da integridade da informação acabou sendo destaque nas discussões relativas às tecnologias digitais, à desinformação e à consolidação da democracia [...] e segue afirmando “Porém, até o momento, o tema não tem expressão na literatura científica” (Araújo, 2024, p. 210). Em seu artigo, o autor compila algumas perspectivas sobre o conceito, de publicações variadas (WLA-CdM, 2018; United Nations, 2022; United Nations, 2023; Santos, 2024). No presente trabalho, nos servimos dessas reflexões pioneiras e incipientes como ponto de partida, a fim de problematizar a integridade da informação (um *tipo-ideal* Weberiano, ainda), em sua relação com os letramentos, o midiativismo e o combate à desinformação.

A segunda seção detalha a importância da educação para os meios na perspectiva escolar e os desafios que ela enfrenta, na busca pela integridade da informação e da cidadania, em tempos de desordem. Nesse cenário, o midiativismo é um pilar-alvo, pois todos podem ser midiativistas — estudantes mobilizados, jornalistas em campo, professores em sala de aula e quaisquer simpatizantes da verdade verificável, sendo protagonistas em seus contextos particulares. Esse composto de educação para os meios, letramentos ao longo da vida e midiativismo informacional (termo a ser explicado no decorrer do texto) se complementam em espaços e ações capazes de moldar resistências individuais e resiliência coletiva. Daí a importância da educação para os meios (Buckingham, 2012, 2022; Gabardo, 2023) e a inclusão tanto de reflexões críticas como de produção em diferentes meios e linguagens desde a formação escolar.

Enquanto isso, a terceira e última seção aborda as enchentes do Rio Grande do Sul, em 2024, e a avalanche de conteúdo desinformativo veiculado na web acerca das doações,

destinação de verbas pelos poderes públicos, atuação de jornalistas, entre outros temas. A Agência Lupa dedicou seção especial com mais de 50 (cinquenta) matérias originadas na checagem desses materiais, promovendo ainda educação midiática e midiativismo. Neste artigo, analisamos, sob olhar discursivo-midiativista (Braighi, 2016), como as reportagens produzidas atuam no sentido de enfrentar a desinformação (a razão de ser de uma agência de checagem), a partir da mobilização de múltiplos letramentos críticos e do jornalismo atuando como ativista (Antunes, 2008; Câmara 2018).

De todo o material especial produzido pela *Agência Lupa*, partimos da leitura flutuante (Bardin, 2016) de coleta manual do material disponibilizado e agrupado pelo próprio portal. Para a análise, foram selecionadas reportagens que se relacionam diretamente com o combate à desinformação, a partir da promoção de uma educação midiática crítica, além de matéria investigativa que promove um resgate histórico de outros acontecimentos similares. Dessa forma, chegamos a três exemplos: i) *RS: 90% das cidades em calamidade hoje enfrentaram emergências desde 2013*¹; ii) *5 passos para não desinformar em meio à tragédia do RS*²; e iii) *Doações, resgates e alarmismo dominam onda de fakes sobre enchentes no RS*³. Tais reportagens também fogem do acontecimento midiático factual, permitindo maior profundidade na apuração, considerando suas dimensões simbólicas e políticas concernentes a materiais jornalísticos especiais (Câmara, 2018), como se observava, tradicionalmente, em cadernos especiais de jornalismo impresso e coberturas de portais jornalísticos.

Consideramos o midiativismo a partir de cinco principais frentes: conhecimento, informação, presença, resistência e defesa (Braighi; Câmara, 2018). A partir desses elementos, conteúdos midiáticos se firmam em seu papel ativista visando à mudança social, seja em impactos socioambientais ou na promoção da educação midiática crítica mais plural, pautada em informação verificável e conhecimento científico aprofundado. Nossa hipótese é que esse

¹Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/07/rs-90-das-cidades-em-calamidade-hoje-enfrentaram-emergencias-desde-2013>. Acesso em: 15 mar. 2025.

² Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/07/5-passos-para-nao-desinformar-em-meio-a-tragedia-do-rs>. Acesso em: 15 mar. 2025.

³ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/18/doacoes-resgates-e-alarmismo-dominam-onda-de-fakes-sobre-enchentes-no-rs>. Acesso em: 15 mar. 2025.

material, mais do que combater a desinformação e amparar a integridade informacional, também se firma como uma prática midiativista, uma vez que entende a informação como arma de combate (Moraes, 2022) que produz conhecimento científico e ambiental, além de se fazer presente como fonte jornalística e testemunha ocular do acontecimento.

A base epistemológica do artigo é interdisciplinar, refletindo os temas a partir dos estudos das linguagens e discursos, das ciências da comunicação e informação, e da educação em suas relações com a tecnologia e a sociedade. Espera-se que este debate contribua para fortalecer a perspectiva de que os letramentos e a integridade informacional são direitos fundamentais e necessidade central no contexto atual, constituindo-se base tanto para o exercício do midiativismo cidadão como para o combate à desordem informacional.

1. Letramentos midiáticos e informacionais como um termo guarda-chuva

Essa seção objetiva problematizar o que pode ser entendido como meios de comunicação no contexto de uma sociedade atravessada por plataformas digitais, que exercem função também midiática. Nos quadros da desordem informacional crônica da atualidade, existe uma ação de guerrilha diária em busca da integridade informacional (ONU, 2024), em ações midiativistas e de educação midiática, que tentam apartar a informação verificável e verdadeira de todas as suas patologias desinformativas.

Partimos da premissa de que a educação midiática e informacional é algo tão importante quanto a aprender a ler, a escrever e a realizar desafios matemáticos. Deve-se iniciar em casa, quando possível, mas certamente na escola o quanto antes. A mídia impacta, expressa, reverbera e é influenciada, de modo assimétrico e mutável, pelas relações de poder em seu entorno e pelo contexto no qual está inserida (Buckingham, 2010, 2022). Outro aspecto é a necessidade de desconstruir a visão instrumental e de neutralidade ingênua que pode pairar sobre tecnologia e mídia. Ambas são aparatos sociais, extensões de nossas vidas (McLuhan, 1969; Dowbor; Iani, 2000) e dos contextos culturais, econômicos, políticos e sociais em que estão imersas, destacando, ainda, a subjetividade de quem ocupa a instância de produção dessas mídias (Charaudeau, 2015).

Nesse sentido, o que podemos considerar como mídia ou meios de comunicação na atualidade? A definição está em transformação? Podemos tipificar mídia como o somatório de meios de comunicação tradicionais e digitais (Thompson, 2011), mas que não necessariamente incorporaria as plataformas digitais cujos objetivos primeiros não sejam os de realizar a função de uma emissora de rádio, por exemplo. Um QR Code pode ser considerado mídia, tal como um CD. Mas poderia causar estranheza se falássemos no sentido da indústria de mídia e dos veículos de comunicação tradicionais. No entanto, ele comunica, gera sentidos e é um espaço tanto para informar como desinformar.

Juntos, os ambientes midiáticos e informacionais aglomeram os meios de comunicação tradicionais e os digitais, de alcance massivo (como jornais, revistas, rádio, TV, blogs, redes sociais digitais) e os ambientes informativos de nicho (como um App ou uma plataforma fechada de jogos, por exemplo), com suas finalidades e características específicas. São lugares de acesso via internet, espaços sociais de interação, atuando como tecnologias que conjugam *affordances* específicas e conteúdo, e que produzem sentidos — realizando curadoria, distribuição de conteúdo multimodal e mixagem de informações.

Extrapolando a reflexão, os algoritmos (presentes em celulares, games, navegação GPS, streamings diversos, motores de busca e na inteligência artificial, entre outros itens) transformam-se também em um tipo de mídia, em um sentido amplo. Por vezes, conseguem influenciar mais do que os tradicionais veículos, na medida em que filtram e selecionam a realidade à qual temos acesso, com um poder invisível de conduzir, apartar, selecionar, discriminar, mediar e afetar nossa percepção sobre a realidade (Pariser, 2012; Silva, 2022).

Do mesmo modo, é impensável compreender linguagens e letramentos sem considerar também seus contextos, que podem ser entendidos como um sistema semiótico do mais alto nível (Matthiessen; Halliday, 2009). Nesse sentido, as tecnologias em fluxo na sociedade audiovisual-digital são especialmente relevantes para nossa abordagem, pois têm a capacidade de catalisar sistemas semióticos complexos (Hodge; Kress, 1995; Leeuwen, 2005), nos quais o processo de comunicação materializa intenções e informação de modo dinâmico.

Esse composto de letramentos se combina e se transforma ao longo do tempo. Por essa razão, a perspectiva dos letramentos midiáticos e informacionais se firma como um termo guarda-chuva (Unesco, 2021), operando em grande escala, mas também afetando de modo contextualizado os grupos, localidades e interesses — em práticas sociais situadas e desiguais, em todos esses canais, meios, dispositivos e tecnologias. Essa compreensão é particularmente importante para entender o terreno e a expressão da desordem informacional (Wardle; Derakshan, 2017; Bucci, 2021) bem como as potencialidades do jornalismo pós-industrial (Anderson, Bell; Shirky, 2013), que se estabelece de modo descentralizado, além de sua grande indústria, e com capacidade midiativista latente.

Segundo a Unesco (2021), o letramento para a cidadania se expressa na combinação dos variados letramentos anteriores que atravessam as plataformas digitais, as necessidades de informação, as práticas sociais de mídia e a codificação, entre outros aspectos. A proposta converge com a premissa original de Kleiman (1995), que definiu os letramentos como um “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 19).

A desordem informacional, expressa em sete grandes categorias por Wardle e Derakshan (2017), é conhecida popularmente por um termo impreciso e politizado: *fake news* (notícia fraudulenta). Uma ambiguidade, já que a apuração é parte central do processo jornalístico ético e desenvolvido de modo profissional (Lage, 1993). Se é notícia, produzida por alguém que exerce a função jornalística com os critérios devidos, não pode ser fraudulenta. Se é fraude, não é jornalismo (Wardle; Derakshan, 2017).

Outro aspecto que rechaça o uso do termo *news* é que boa parte dos conteúdos mentirosos, impostores, com conexões erradas e que desinformam não têm formato de notícia, obrigatoriamente. Os conteúdos que viralizam bastante são os de tom alarmista, imitando notícia, mas também são meme, sátiras, paródias audiovisuais e até mesmo joguinhos casuais, que se tornam lugares nos quais a desinformação pode estar germinada sem que possamos percebê-la em um primeiro olhar. Por essa razão, é necessário extrapolar a ideia de letramentos únicos, situando-os no tempo da escola e além dela. Neste artigo, adotamos o

termo desinformação como uma categorização genérica para o “conteúdo impostor que possui finalidade de causar danos a pessoas ou grupos”; considerando o termo *fake news* impreciso e inadequado, apesar de sua popularidade inequívoca (Wardle; Derakshan, 2017, 2023; Bucci, 2021; Buckingham, 2022; Lassalvia, 2025).

Nesse contexto, *integridade da informação* é uma discussão emergente. O termo foi disseminado pelas Nações Unidas em 2023, como uma ação propositiva que visava separar a informação da desinformação. Trata-se de um conceito ainda em construção, que se parece com um *tipo-ideal* subjetivo, mas que assinala a relação obrigatória da informação com a precisão, a consistência, a transparência e a confiabilidade. Segundo Santos (2024), representa o deslocamento do debate sobre o ecossistema de comunicação e de informação de um viés de combate a fenômenos negativos — como a desinformação, discurso de ódio ou teorias da conspiração — para uma perspectiva positiva.

Um aspecto que também está em debate é a tradução do termo para a língua portuguesa, que pode dar a sensação errada de que o problema existe na informação em si; quando, na verdade, sabe-se que a informação não existe por ela mesma. É contextualizada, fruto da sociedade e das relações de poder que estão por trás das linguagens, intenções, escolhas, ambientes de mídia e tecnologias.

Araújo (2024) afirma que apesar de o conceito e seus limites estarem em construção, ratificam o protagonismo que a informação e seus mecanismos de circulação possuem para o construto das relações sociais e políticas em uma sociedade atravessada por plataformas digitais. Nesse sentido, a integridade da informação tem a capacidade de sintetizar uma posição, oposta a uma variedade de fenômenos negativos da desordem informacional, como as informações falsas, a intenção de danos, o discurso de ódio e a pós-verdade, entre outras terminologias, provenientes de epistemologias variadas.

Para o autor, que analisou três principais textos institucionais que abordaram a integridade da informação⁴, afirma que reforçam a perspectiva de que a informação verdadeira

⁴ O primeiro documento tem como título *Proteção da integridade da informação: opções de políticas nacionais e internacionais* e foi produzido pela *The World Leadership Alliance - Club de Madrid* (WLA-CdM), em 2018. O segundo, *Integridade da informação: construindo o caminho para a verdade, a resiliência e a confiança*, foi publicado em fevereiro de 2022, pelo Programa de

e transparente está na base do que pode vir a ser uma relação saudável entre as tecnologias digitais e os processos políticos. Nesse sentido, importam tanto o conteúdo em si como também os modelos de circulação informacional praticados pelas grandes plataformas, que muitas vezes se beneficiam dos “cliques sem ética” (Lassalvia, 2025).

Como destaca Santos (2024), o debate criado desde 2023, principalmente, torna o momento propício para que comecemos a refletir sobre a proposição de uma agenda de comunicação e informação ampla, a partir do Sul global, já que somos fortemente atravessados pelas redes de informação e desinformação. Segundo ela:

Quando falamos de comunicação e informação no Brasil e em países do Sul global, estamos frequentemente falando de realidades amplamente dominadas pelo jornalismo comercial, hegemônico e extremamente concentrado; estamos falando de muitos países em que a comunicação por aplicativos de mensagens é absolutamente central; estamos tratando de democracias jovens e muitas vezes instáveis; estamos nos referindo a sociedades com níveis de desigualdade social abissais, que impactam na forma como as pessoas consomem informação (Santos, 2024, s/n.).

Por conta desse cenário, consideramos que tanto os letramentos midiático-informacionais-digitais como a integridade da informação devem ser compreendidos como direitos fundamentais. Ambos devem ser priorizados pelas políticas educacionais e por práticas sociais que sejam capazes de atuar de forma vigilante e crítica nos ambientes digitais, como expressão cidadã de modelos de midiativismo informacional.

2. Educação midiática e para os meios no ambiente digital

A partir das definições e considerações traçadas acerca dos múltiplos letramentos em uma sociedade multissemiótica (Unesco, 2021), a educação midiática apresenta-se como fio condutor fundamental na construção do protagonismo estudantil, crítico e participativo, no desenho de uma sociedade democrática, na qual a integridade da informação seja premissa.

Desenvolvimento das Nações Unidas. O terceiro, *Integridade da informação nas plataformas digitais*, foi publicado em junho de 2023 e integra a série *Our common agenda*, um conjunto de discussões em torno da Agenda 2030 da ONU, tendo sido replicado no Brasil pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal, em 2023.

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28470

Retomando Buckingham (2003), o letramento midiático deve ser entendido como competência de uso e de interpretação das mídias. Nesse sentido, a compreensão das linguagens ali presentes e, principalmente, do contexto de comunicação são primordiais para que tais práticas sociais sejam, em sua subjetividade, essenciais na relação entre textualidade, competência e poder (Livingstone, 2004).

A prática democrática inerente ao letramento midiático é fruto da produção de sentidos e da criação de significados manufaturada pelos grupos sociais envolvidos. Promover a educação midiática em espaços formativos é o que permite ampliar essa interpretação e situar consumidores de mídias na complexidade do contexto informacional e digital no qual vivemos. A partir disso, parafraseando a proposta de Buckingham (2003, 2015), acreditamos em quatro princípios norteadores fundamentais nesse processo, aplicados aos objetivos deste trabalho: produção, linguagem, representação e audiência.

Assim, a educação midiática auxilia na compreensão crítica sobre as condições de produção das mídias, enquanto uma importante variável na qualidade do produto e na integridade da informação (Buckingham, 2010). Cada mídia tem sua distribuição e condição de produção específicas, o que culmina em diferenças de uso da linguagem. As diferentes linguagens, como cores, layout, tom de voz, organização espacial, produzem sentidos distintos que compõem o todo da obra, em sistemas multissemióticos (Hodge, Kress, 1995; Leeuwen, 2005). Os estudos discursivos da multimodalidade se colocam fundamentais nessa compreensão, considerando que os diferentes modos de linguagem produzem diversos sentidos e (re)significações da audiência a partir de suas representações, culminando, ainda, no midiativismo provocado (Câmara, 2023).

Na perspectiva da desinformação, a linguagem emotiva exerce um importante papel, uma vez que é a partir de aspectos emocionais (como os tons alarmistas e descobertas sensacionais) que a desinformação ganha público e se espalha. Portanto, a educação midiática atua nesse processo também, a fim de analisar criticamente as escolhas de linguagem feitas pelas mídias, suas consequências e efeitos de sentido. Nos casos aqui analisados, é a partir do processo de desmascaramento (*debunking*), tal como analisam Frau-Meigs e Corbu (2024), e do

olhar discursivo-midiativista (Braighi, 2016), que se pode avaliar os impactos da desinformação envolvendo a tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul e o papel do combate às mentiras enquanto práticas de educação, de midiativismo e de direitos humanos.

O terceiro aspecto levantado por Buckingham (2003) é a representação, uma vez que as mídias apresentam uma versão mediada daquilo que retrata. Nesse sentido, é preciso considerar e problematizar quais recortes essas mídias estão priorizando e divulgando, premissa dos estudos de enquadramento (Charaudeau, 2015; Câmara, 2018). Partindo do pressuposto que nenhum texto é neutro, seja pela linguagem ou pela subjetividade de sua produção, Buckingham (2015) ressalta a importância de entender, perceber e analisar os textos considerando que podem ser moldados de acordo com a situação política, econômica e social do seu entorno.

No jornalismo, aspectos editoriais dão forma a esse processo, mas nem sempre isso está visível ou ao alcance dos consumidores da informação, sendo necessária uma leitura crítica a partir da gestão de vozes e pontos de vista, sob um viés discursivo (Câmara, 2018). A educação midiática atua nesse ponto, a partir da proposição de possíveis práticas midiáticas que considerem as características que envolvem a produção da informação, culminando na integridade da informação (Santos, 2024), como abordamos anteriormente.

Por fim, a audiência é o público receptor. Para Buckingham (2003), não é simples estabelecer o que cria engajamento em uma informação ou produto, a *viralização* tão almejada nos tempos atuais. No entanto, é possível perceber algumas estratégias estabelecidas pelas mídias e, principalmente, entender o funcionamento do ambiente midiático a partir das lógicas empresariais que o regem. A análise da audiência, portanto, passa pela autorreflexão e investigação pessoal a partir do próprio uso das mídias e como nos apropriamos dela.

Boyd (2008, 2014, 2018) e Gabardo (2023) postulam a urgência social da educação midiática, a partir das pesquisas que analisam comportamentos de adolescentes. As autoras ressaltam a sociabilidade dos jovens na construção da educação midiática aplicada no contexto escolar, na busca pelo pertencimento e adequação a determinados grupos (sociais). No entanto, para este trabalho, consideramos que tal relação deve ser aplicada a contextos expandidos, na

observância do espalhamento da desinformação em uma sociedade em rede e com horizontalização de fluxos (Castells, 1999; Jenkins, 2015).

Nesse contexto informacional digital, é primordial considerar o papel social das empresas de tecnologia de informação e de seu monopólio no mercado digital, sendo necessário fomentar reflexões e discussões sobre a influência dessas empresas e seu impacto na sociedade (Doxdator, 2018). Com a convergência midiática (Jenkins, 2008), a lógica da análise de mídia não se dá apenas em si mesma (Banks, 2018), uma vez que é preciso considerar suas correlações entre produtos e sujeitos produtores, receptores e prosumidores (Jenkins, 2015). É a partir dessas conexões que o sentido da informação é representado, apreendido e difundido.

Dessa forma, as mídias deixam de ser apenas plataforma de busca e informação e passam a ser formadoras que moldam aqueles que se envolvem nessa ecologia midiática, modificando percepções, padrões e comportamentos (Gabardo, 2023). Ligadas a lógicas comerciais, as mídias instrumentalizam e reproduzem a ideologia dominante sobre a qual se constroem, a partir das relações publicitárias e de produtos culturais de consumo. Assim, as mídias se consolidam como um “espaço social de interação e construção de sentido” (Lima-Lopes, 2017, p. 1468), firmando seu papel de “educador informal das constituições sociais que se formam” (Gabardo, 2023, p. 36).

É nessa lógica comercial e informacional que as grandes empresas tecnológicas (*big techs*) atuam na manutenção da racionalidade neoliberal conservadora que promove tais práticas de desinformação (Peixoto, 2023). Isso porque a prática desinformacional não se dá apenas nas relações emotivas e de desejos, mas também como modelo de negócios.

O modelo de negócios da Big Tech funciona de tal maneira que deixa de ser relevante se as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas. Tudo que importa é se elas viralizam (ou seja, se geram números recordes de cliques e curtidas), uma vez que é pela análise de nossos cliques e curtidas, depurados em retratos sintéticos de nossa personalidade, que essas empresas produzem seus enormes lucros. Verdade não é o que gera mais visualizações. Sob a ótica das plataformas digitais, as *fakenews* são apenas as notícias mais lucrativas (Morozov, 2018, p. 11).

Seguindo a lógica comercial, o combate à desinformação não tem sido e não será tarefa fácil nem simples. Jornalismo e educação midiática devem andar juntos na formação de leitores críticos a partir do letramento jornalístico, digital e de produção midiática sem, necessariamente, o engessamento curricular (Sayad, 2019). Tal junção de fatores e áreas, como trabalhados ao longo deste artigo, devem ser levados em consideração a partir da participação política na defesa da democracia em que se consideram os diversos espaços de formação educacional e midiática. É nesse sentido que se inserem a distribuição de peças de desinformação, as agências de checagem e a defesa do Jornalismo, culminando no que denominamos de midiativismo informacional, como abordaremos a seguir.

3. Midiativismo informacional: a cobertura das enchentes no RS pela Agência Lupa

As enchentes no Rio Grande do Sul, entre abril e maio de 2024, causaram grande destruição em todo o estado. Centenas de mortos, milhares de pessoas desabrigadas, cidades submersas e a (ir)responsabilidade do Estado que insistiu em não assumir o que deveria fazer para evitar uma tragédia dessa magnitude. Enquanto guardião da informação, denunciante da realidade e fiscalizador dos poderes (Charaudeau, 2015), o jornalismo cobria o fato em tempo real, modificando as rotinas produtivas e pautas pré-agendadas, voltando toda sua atenção ao sul do país, reconfigurando funcionamentos e rotinas tradicionalmente estabelecidas.

Em meio a tanta destruição e atenção jornalística, uma avalanche de desinformação (conteúdo falso, com intenção de causar danos), tal como definem Wardle e Derakshan (2017), também se instaurou, acerca das doações, da destinação de verbas pelos poderes públicos, da atuação do jornalismo, entre outros temas. Nesse cenário, o exercício jornalístico tem ido além de noticiar a situação de todo o estado, mas também de desmentir essas (des)informações, em um árduo trabalho de combate aos conteúdos fraudulentos.

É nesse contexto que o trabalho realizado pela *Agência Lupa*, considerada a primeira agência de *fact-checking* do Brasil (Santos, 2019), foi observado. Enquanto agência de notícias, vende suas reportagens para diversos veículos nacionais e internacionais, com foco no combate

à desinformação sobre acontecimentos brasileiros e em reportagens investigativas. Criada em 2015, atualmente se denomina como "um hub de soluções de combate à desinformação" (Lupa, 2025, s.p.), com atuação jornalística, a partir das checagens, verificações e reportagens especiais, e na área educacional, com o projeto Lupa Educação, considerando "a educação midiática como pilar de atuação" (Lupa, 2025, s.p.).

O portal da *Lupa* fez uma extensa cobertura da tragédia, não somente jornalística, mas também de verificação das desinformações que circulavam à época. Ao todo, foram 62 (sessenta e duas) reportagens de verificação e 14 (quartoze) outros conteúdos sobre a tragédia⁵. Dessas, destacamos aqui três reportagens que exemplificam o que viemos discutindo em todo o artigo: i) RS: 90% das cidades em calamidade hoje enfrentaram emergências desde 2013⁶; ii) 5 passos para não desinformar em meio à tragédia do RS⁷; e iii) Doações, resgates e alarmismo dominam onda de fakes sobre enchentes no RS⁸. A seleção dessas matérias se deu pela temática relacionada à desinformação, com uso de linguagem multimodal interativa para fortalecimento da produção de sentidos premeditados, e pela ação dupla de educação midiática e de midiativismo que a *Lupa* gerou a partir desse conteúdo.

O cerne do midiativismo é a segunda palavra que forma o neologismo. Para um produto ser considerado midiativista, deve servir, acima de tudo, ao ativismo. Não como luta política, posicionamento revolucionário ou convite ao embate nas ruas, mas ao principal do ativismo: a presunção da solidariedade e da mudança social (Jordan, 2002).

Assim, para ser considerado um produto midiativista, o conteúdo em questão deve, necessariamente, servir a algum propósito informacional, seja no sentido de convite à mudança ou à própria ação. Nos casos a serem analisados aqui, as reportagens carregam um objetivo bem definido: desmentir as informações falsas e promover conhecimento acerca do acontecido,

⁵ Dados atualizados em: 19 jun. 2024. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/06/doacoes-retidas-e-corpos-encontrados-veja-o-que-ja-checamos-sobre-as-enchentes-no-rs> Acesso em: 15 mar. 2025.

⁶ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/07/rs-90-das-cidades-em-calamidade-hoje-enfrentaram-emergencias-desde-2013> Acesso em: 15 mar. 2025.

⁷ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/07/5-passos-para-nao-desinformar-em-meio-a-tragedia-do-rs> Acesso em: 15 mar. 2025.

⁸ Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2024/05/18/doacoes-resgates-e-alarmismo-dominam-onda-de-fakes-sobre-enchentes-no-rs> Acesso em: 15 mar. 2025.

desmascarando a desinformação. Tal transformação social, embora não figure como a principal meta a ser atingida na produção de conteúdos, deve estar perceptível nas construções discursivas que os formam, a fim de produzir o sentido almejado, a partir da relação dialógica nas produções transmidiáticas, conforme abordamos na seção anterior.

Dessa forma, por mais utópica que pareça a mudança social, tais produções buscam impactar pessoas, estimular reflexões e debates que podem contribuir para a referida transformação. Ademais, materiais com esses propósitos se assemelham aos produtos de educação midiática, uma vez que o cerne principal passa a ser o conhecimento enquanto principal objetivo informativo. Todas essas configurações são potencializadas na comunicação digital, que mescla linguagens, visualidades e discursos.

Quando o ativismo ocorre a partir do uso das mídias e informações, cria-se a ideia e o sentido do midiativismo. Do mesmo modo que ocorre com a discussão sobre a definição de educação midiática e de educação para os meios, o midiativismo também perpassa por preposições, como ativismo na, sobre e pela mídia (Mattoni, 2013). Aqui, destacamos a classificação do ativismo sobre a mídia, um espaço de conexão entre movimentos e a ação política em si, que se mobilizam no combate à desinformação que circula pela internet e na sua avaliação crítica, gerando conteúdo com refutações, desmentidos ou identificação de contexto errado.

A partir dessas considerações, o midiativismo, enquanto conceito, firma-se a partir de cinco principais frentes, uma vez que gera conhecimento a partir da informação verificada, fazendo-se presente no ambiente desinformacional, firmando-se como resistência em defesa da informação verdadeira. Sendo assim, estas são os elementos que caracterizam o midiativismo (Braighi; Câmara, 2018, 2021; Câmara, 2023): I. Conhecimento – por mais que este possa não ser a meta principal do midiativismo no geral, quando se relaciona com a educação midiática e para os meios, o conhecimento passa a se firmar como o principal propósito dessas ações. Isso porque, como postula Freire (1987), o conhecimento se constrói a partir de uma relação dialógica e da subjetividade. Sendo assim, o midiativismo se firma como fonte alternativa de conhecimento, em uma espécie de educação não-formal, mas que pode ser trabalhada nas

escolas. O produto midiativista, portanto, serve à educação e à construção do conhecimento a partir da reflexão crítica e da construção do acontecimento (Antunes, 2008), partindo da apuração e verificação de conteúdo. II. Informação — em sua essência, o midiativismo se define como um meio de divulgação de informação. No nosso caso, essa é a principal frente a ser considerada, visto que o midiativismo informacional, como acreditamos, luta pela informação íntegra, em oposição à mentira disseminada pelos conteúdos de desinformação. Trabalhos como o da *Agência Lupa*, de verificação e checagem, têm como principal objetivo o de informar — como deveria ser todo trabalho jornalístico. No ambiente digital conectado, em que materiais desinformativos circulam livremente e impulsionados pelas grandes empresas de tecnologia, faz-se ainda mais urgente o trabalho jornalístico de apuração, checagem e divulgação da informação verídica. III. Presença — fazer-se presente no ambiente digital no processo de combate à desinformação é atuar como midiativista informacional. Ao retomar conteúdos falaciosos para desmenti-los e fazer circular, no mesmo ambiente digital, a informação verdadeira, as agências de checagem disputam o contexto discursivo, as narrativas em que se inserem. IV. Resistência — a partir da origem combativa do ativismo, o midiativismo se firma como resistência frente ao *modus operandi* do funcionamento da circulação da informação na atualidade. Suscita-se, daí, questionamentos sobre como a Lupa se firma enquanto resistência jornalística, o que pode ser considerado veículo de combate midiático. É esta a característica que transforma a causa em discurso, exemplificado, neste trabalho, como a luta pela informação verdadeira e combate à desinformação, com uma ação educativa para a comunidade. V. Defesa – se há embate, há defesa. Logo, tal característica se define a partir da defesa da informação ou, como trabalhamos em seções anteriores, na integridade da informação. Para além do combate, o midiativismo é uma forma de promover estruturas de defesa midiática, ou seja, caminhos para o combate à desinformação, firmando-se como objeto de educação midiática. Tal defesa também pode ser social, na medida em que protege determinados grupos sociais. Em nosso caso apresentado, a defesa midiática se sobrepõe, uma vez que valoriza e enaltece o fazer jornalístico a partir do trabalho de apuração detalhada e divulgação da informação verídica e verificada, de forma construtiva.

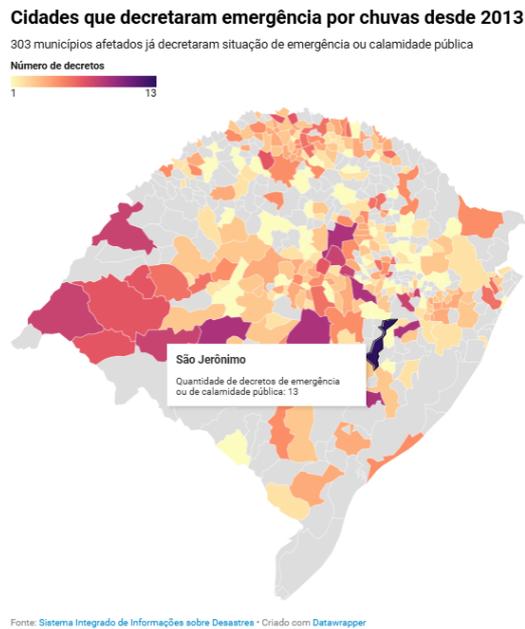
Em cenários de desastres socioambientais, urge, também, a necessidade de divulgação de informações responsáveis e corretas que auxiliem no trabalho em prol da sociedade afetada, uma vez que o acontecimento está em curso, tendo a prática jornalística como principal aliada nas correlações estabelecidas em casos como esse e em como o discurso jornalístico se posiciona acerca desses acontecimentos (Câmara, 2018).

Assim, a partir das características e definições elencadas acima, chegamos, portanto, à definição de midiativismo informacional. Trata-se de uma classificação sobre a qual apoiaremos nossos olhares sobre os exemplos selecionados, explicitados a seguir.

3.1 Jornalismo investigativo e linguagem multimodal

A reportagem “RS: 90% das cidades em calamidade hoje enfrentaram emergências desde 2013”, foi divulgada no dia 07 de maio de 2024, e conta com imagem de satélite, gráfico e mapa interativo (Figura 1). Os recursos multimodais colaboram na macrocompreensão da investigação, que correlaciona a tragédia vivida no estado em 2024 com dados de uma década.

Figura 1 – Mapa interativo mostra municípios em estado de emergência nos últimos 10 anos



Fonte: Reprodução Agência Lupa (2024).

Como exemplificado na figura acima, percebemos a escolha da linguagem multimodal (Câmara, 2023) que forma o percurso investigativo da informação jornalística (Lage, 1993), em um processo de co-construção do sentido incentivado no contexto da cultura digital e webjornalismo, a partir de elementos convergentes (Jenkins, 2008). A linguagem não-verbal, dessa maneira, contribui para a produção de sentido da informação como elemento do jornalismo investigativo proposto pelo veículo.

Os temas levantados nessa reportagem também defendem a integridade da informação e atuam junto à educação midiática, uma vez que, ao relembrar situações e trabalhar com dados informacionais, ampliam o conhecimento e o resgate histórico que culminou na tragédia recente. Assim, o conteúdo informativo se firma como produto de conhecimento a partir das relações verbo visuais que são estabelecidas e que levam a outras situações similares na produção do sentido desejado, calcando dados que possam servir de base para mudanças sociais e de políticas públicas efetivas.

3.2 Educação midiática de combate à desinformação

A reportagem *5 passos para não desinformar em meio à tragédia do RS* apresenta uma espécie de manual de combate à desinformação, indicando as seguintes ações (Figura 2): ‘cuidado com informações divulgadas às pressas’; ‘esteja atento ao contexto’; ‘se pergunte sobre o papel das imagens de catástrofe’; ‘escute o áudio mais de uma vez, se tiver tom alarmista’; ‘evite narrativas únicas’ (Terra, 2024).

Figura 1 – Além do passo a passo, matéria também indica exemplos do próprio site, além de pedir apoio

1. CUIDADO COM INFORMAÇÕES DIVULGADAS AS PRESSAS

Em momento de crise e desespero, o cenário fica ainda mais propício para a circulação de desinformações. Por mais que seja um momento marcado por urgências, é preciso ter calma ao repassar uma notícia.

Uma das primeiras verificações sobre as chuvas no RS feitas pela Lupa, envolveu uma foto em circulação nas redes sociais que supostamente mostrava o [cruel atropelo de uma jovem no município de Canoas](#) na capital Porto Alegre. A informação é falsa, tendo sido desmentida no mesmo dia pelo Departamento Municipal de Água e Esgoto, em seu perfil oficial no X.

Todos os conteúdos da Lupa são gratuitos, mas precisamos da sua ajuda para seguir dessa forma. [Clique aqui](#) para fazer parte do [Contexto](#) e apoiar o nosso trabalho contra a desinformação.

Mas mesmo o desmentido publicado em cortas e notas oficiais pode desinformar – ainda que de forma não proposital. Foi o que aconteceu com a [denúncia do prefeito de Canoas](#) Airton Jorge (PSD), ao afirmar que nove pacientes da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital de Pronto Socorro de Canoas, município da região Metropolitana de Porto Alegre, morreram após o local ser inundado pelas chuvas.

A informação é falsa e foi desmentida no mesmo dia pelo próprio prefeito, em razão de uma falha na comunicação com o secretário de Saúde do município.

2. ESTEJA ATENTO AO CONTEXTO

Alguns conteúdos em circulação pelas redes associam imagens e vídeos referentes a outras situações como se fossem registros das trágicas chuvas ocorridas no estado do Rio Grande do Sul nos últimos dias.

É o caso da [imagem do governador Eduardo Leite](#), que sugere que o político estaria assistindo a um show da cantora Ivete Sangalo nos últimos dias. O problema é que falta contexto. A imagem de fato é verdadeira, mas foi registrada em 30 de setembro de 2023 – quando o estado gaúcho também enfrentava uma crise em razão de enchentes e grande volume de chuva. Ainda assim, utilizada como suposto registro recente, a foto desinforma.

Algo parecido acontece em outro vídeo, que mostra o Presidente Lula sendo vaiado pela população em sua chegada ao Rio Grande do Sul. De fato, a cena aconteceu, no entanto, trata-se de um registro feito no [mês de março de 2024](#), quando o presidente esteve no estado para cumprir apenas etapas oficiais.

3. SE PERGUNTE SOBRE O PAPEL DAS IMAGENS DE CATÁSTROFE

Imagens podem ter função importante, informativa, ajudando na identificação e descrição da situação. Podem inclusive contribuir para a localização e salvamento de pessoas isoladas, por exemplo.

Mas podem também atropelhar, gerar gatilhos emocionais e confundir a população sobre a realidade e o contexto dos fatos, estimulando apenas o sensacionalismo.

Por isso, procure saber a origem da imagem – seja ela uma foto ou um vídeo. Se preciso, utilize mecanismos de busca reversa nos principais navegadores, para saber a data da primeira vez em que a imagem foi publicada.

Fonte: Reprodução Agência Lupa (2024).

Essa matéria é um dos principais exemplos de como o jornalismo pode atuar diretamente na educação midiática, como material de apoio em situações educacionais. No entanto, é importante frisar que elenca ações individuais para situações-problema coletivas, fazendo com que a responsabilização possa ser compreendida como individual e não sistêmica, como, de fato, é (Peixoto, 2023).

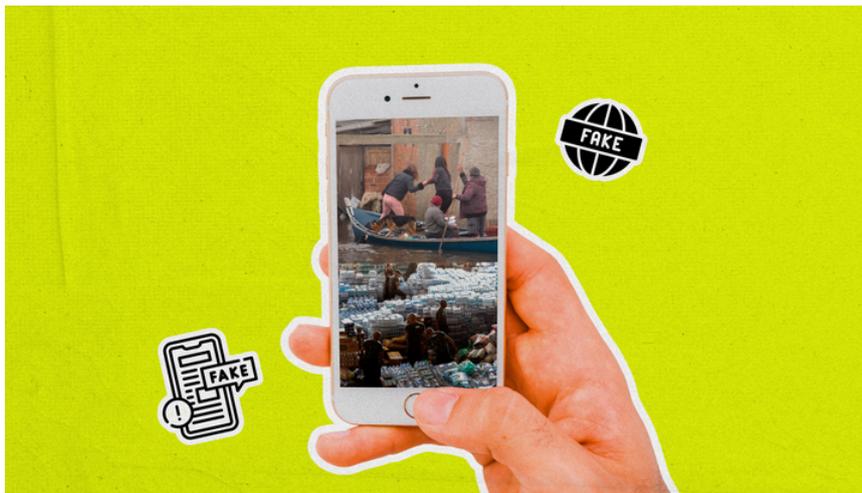
Tal relação também se insere na discussão e caracterização de midiativismo informacional, já que é possível observar, a partir do passo a passo indicado, elementos que remontem à defesa, resistência e presença na busca pela informação e consolidação do

conhecimento. A linguagem simplificada e direta também se firma como característica do ambiente digital e na divulgação informacional, elementos observados no midiativismo em sites de divulgação científica (Braighi; Câmara, 2021) e de construção e valorização da informação para a prática do combate à desinformação.

3.3 Desinformação como tema

Por fim, a reportagem *Doações, resgates e alarmismo dominam onda de fakes sobre enchentes no RS* (Figura 3), veiculada em 18 de maio de 2024, aborda alguns dos principais conteúdos fraudulentos que circulam pela internet, indicando os danos que elas podem causar à população sulista e à situação vivenciada pelo estado.

Figura 3 – Tendo a desinformação como tema, reportagem faz defesa da informação



Fonte: Reprodução Agência Lupa

Em uma espécie de metanarrativa, a reportagem trata do combate à desinformação que o próprio site realiza, o que ressalta sua importância e a relevância desse trabalho. Elencados por temas principais que são acometidos pela desinformação, o material se firma como uma peça midiativista informacional na medida em que levanta a bandeira do jornalismo sério de apuração como forma de combate à desinformação.

Dessa forma, a reportagem se apresenta um instrumento de defesa midiática, uma vez que reafirma seu valor enquanto veículo de informação que, a partir da apuração e da verificação, promove o combate à desinformação, firmando-se como principal fonte de informação. Atrelado a isso, como forte posicionamento combativo, busca gerar conhecimento em educação midiática, expondo os danos que a desinformação pode causar em diversas esferas. Tal posicionamento permite caracterizar o material enquanto midiativista informacional, uma vez que busca a mudança social por meio da informação verdadeira e verificada a partir de preceitos jornalísticos sérios.

Considerações finais

Neste artigo, percorremos o cenário desafiador de uma sociedade permeada por fluxos de informação multidirecionais e pela premente necessidade dos letramentos e da integridade da informação como pilares centrais no desenho da democracia, da cidadania e da equidade. Nesse sentido, a educação midiática deve integrar um mínimo obrigatório, a começar nas escolas, para que estudantes desenvolvam espírito crítico e fluência nos e a partir dos meios. Esse percurso se inicia na escola, mas a extrapola.

As mídias compõem um sistema de comunicação interativo no qual, por meio da experiência de diferentes práticas sociais ou letramentos, é possível criar conexões que se manifestam no e por meio do ser humano, em todo seu processo de formação ao longo da vida. Esses processos, essencialmente culturais e tecnossociais, funcionam como lentes ou representações do real que moldam nossa visão do mundo. Nesse sentido, resgatamos de Buckingham (2003, 2010) os quatro pilares para orientar o trabalho com as mídias: produção, linguagem, audiência e representação, a partir dos quais focamos as camadas e interesses que compõem o ambiente digital.

Juntos, variados letramentos geram competências específicas para o enfrentamento crítico dos ecossistemas desinformativos, que também não são expressões universais e devem ser compreendidos a partir de contextos particulares, com matizes históricos, sociais e a serviço de variados interesses. Esse papel pode ser desempenhado pelas escolas, pelo terceiro

setor, pelos cidadãos, entre outros atores, e sempre possui um desafio claramente coletivo, que está além dos indivíduos. Neste artigo, buscou-se compreender a *Agência Lupa* nessa função, a partir da seleção de três breves matérias, que demonstram seu midiativismo informacional. A *Lupa*, além do processo jornalístico base que segue, atua tanto na denúncia do que não está total ou parcialmente correto como também gera formas de ativismo em prol da integridade informacional nas e a partir das mídias.

Isso é percebido no tratamento do título e da abordagem da matéria “5 passos para não desinformar em meio à tragédia do RS”, na qual a *Lupa*, ao mesmo tempo, assume o papel de educador midiático e de ativismo, a partir da técnica do desmascaramento (*debunking*), na qual o objeto desinformativo é desconstruído e posto à prova. Mais do que provar que este ou aquele conteúdo não expressa verdade, esse tipo de ação ensina o leitor e o direciona a pensar do mesmo modo em um olhar futuro. Trazendo essa perspectiva para a literatura sobre contra-desinformação (Frau-Meigs; Corbu, 2024), podemos dizer que o desmascaramento de hoje (*debunking*) é base para a refutação crítica a conteúdos enganosos no futuro (*prebunking*), onde se inserem a educação midiática e novas possibilidades de midiativismo informacional.

A reportagem *RS: 90% das cidades em calamidade hoje enfrentaram emergências desde 2013* também pode ser compreendida, para além de sua linguagem multimodal, como base de dados crítica na compreensão da tragédia, pois a perspectiva do contexto histórico e situado promove o que a integridade da informação (Santos, 2024; Araujo, 2024) estabelece como parâmetro: relação obrigatória da informação com a precisão, a consistência, a transparência e a confiabilidade. Isso significa resgatar a situação, apesar da tragédia das enchentes, na qual a comunidade sofre com a perpetuação de diferentes abandonos estruturais ao longo dos anos. Esse aspecto de elucidação sobre o contexto reforça as perspectivas do conhecimento, informação, presença, resistência e defesa, que caracterizam o midiativismo (Braighi; Câmara, 2018, 2021).

Na reportagem *Doações, resgates e alarmismo dominam onda de fakes sobre enchentes no RS* o foco é a típica verificação de redes sociais digitais, nas quais a origem dos boatos e contextos falsos é, de modo geral, desconhecida. Nesses casos, o objetivo da agência não é o de

explorar o contraditório nem denunciar quem escreveu ou entrevistar a outra parte, pois isso certamente alimentaria a bolha desinformativa e a engrenagem dos “cliques sem ética” (Lassalvia, 2025). A estratégia é desmascarar, assinalar a falsidade da informação e ensinar que a avaliação do contexto, da correlação entre foto, legenda, títulos e conteúdo sempre deve ser objeto de análise: o primeiro passo para desconfiar de que alguma informação pode ter sido manipulada e que sua integridade não está assegurada.

Os três exemplos da Agência Lupa, analisados neste trabalho, reforçam a visão dos letramentos e da integridade da informação como direitos fundamentais, essenciais ao midiativismo e ao combate à desinformação. Além de sua atuação jornalística, esses princípios têm potencial para transbordar para outros atores sociais, ampliando seu impacto na sociedade.

Referências

ANDERSON, Chris; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: *Revista de jornalismo ESPM*, a. 2, n. 5, abr./jun. 2013. p. 30-89.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Integridade da informação: um novo conceito para o estudo da desinformação. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, SP, v. 19, n. 1, p. 207-226, 2024. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/614>. Acesso em: 21 maio 2025.

BANKS, William. Beyond Modality: Rethinking Transmedia Composition through a Queer/Trans Digital Rhetoric. *The Routledge Handbook of Digital Writing and Rhetoric*, 2018. p. 341-351.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOYD, Danah. *It's complicated*. The social lives of networked teens. London & New Haven. v. 8, 2014.

BOYD, Danah. *Taken Out of Context: American Teen Sociality in Networked Publics*. 2008. Tese de Doutorado. University of California: Berkeley.

BOYD, Danah. *What Hath We Wrought?* 2018. Disponível em: <https://www.sxswedu.com/news/2018/watch-danah-boyd-keynote-what-hath-wewrought-video/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BRAIGHI, Antônio Augusto. *Análise do Discurso Midiativista: uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja*. 2016. 656 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 25-42.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. Midiativismo científico contra a covid-19: uma reflexão a partir da análise de blogs de ciência da Unicamp. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021. p. 146-175.

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Editora Autêntica: 2021.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, v. 35, a. 3, 2010.

BUCKINGHAM, David. Defining digital literacy-What do young people need to know about digital media? *Nordic journal of digital literacy*, v. 10, n. Jubileumsnummer, 2015. p. 21-35.

BUCKINGHAM, David. Media education and the end of the critical consumer. *Harvard educational review*, v. 73, n. 3, 2003. p. 309-327.

BUCKINGHAM, David. Precisamos realmente de educação para os meios? *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2012. p. 41-60.

BUCKINGHAM, David. *Manifesto pela Educação Midiática*. Editora SEC, 2022.

CÂMARA, Marco Túlio. "Ouçam as bichas pretas": a multimodalidade na construção de masculinidades pretas e as produções de sentidos midiativistas em vídeos no "YouTube". 2023. (200 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

CÂMARA, Marco Túlio. *Para nunca esquecer: uma análise discursiva de coberturas midiáticas impressas sobre o rompimento da barragem de Fundão*, em Mariana. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2018.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2015.

DOXDATOR No, 'Cognitive strengthening exercises' aren't the answer to media literacy. 2018 Disponível em: [https://longviewoneducation.org/no-cognitivestrengthening-exercises-arent-answer-media-literacy/](https://longviewoneducation.org/no-cognitivestengthening-exercises-arent-answer-media-literacy/). Acesso em: 10/março/2025.

DOWBOR, Ladislau; IANI, Octavio (orgs.). *Desafios da comunicação*. São Paulo: Vozes, 2000.

FRAU-MEIGS, Divina; CORBU, Nicoleta. *Disinformation Debunked: Building Resilience through Media and Information Literacy*. London: Routledge, 2024.

GABARDO, Maristella. *Mídia, para quê?: o uso de mídias por adolescentes do ensino médio técnico integrado*. 2023. (290p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social semiotic*, 1995.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Aleph, 2015.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.

LASSALVIA, Cátia Silene Câmara. *Jornalismo, educação midiática e combate à desinformação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2025. Série Universitária [e-book e livro impresso] – *em produção*.

LASSALVIA, Cátia Silene Câmara. *Transletramento, metaletramento e letramentos transmidiáticos: produção de sentidos nas travessias entre linguagens, tecnologia e sociedade*. 2022. Tese de Doutorado. [sn]. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Indicador/Index?c=1243628>. Acesso em: 8 mar. 2025.

LEEUWEN, Theo Van. *Introducing Social Semiotics*. London: Routledge, 2005.

LIMA-LOPES, Rodrigo. *Mídia e Comunicação: Reflexões e Possibilidades para o Ensino e Aprendizagem de Línguas In: Actas do XV Congresso Ibercom, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017*.

LIVINGSTONE, Sônia. *What is media literacy? Intermedia*, 32 (3). Sônia Livingstone and the International Institute of Communications, 2004. p.18-20.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M.; HALLIDAY, Michael A.K. *Systemic functional grammar: a first step into the theory*. Beijing: Higher Education Press, 2009.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2000.

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Arquipélago Editorial, 2022.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu editora, 2018.

ONU. *Informe de Política para a Nossa Agenda Comum: Integridade da Informação nas Plataformas Digitais*. Rio de Janeiro, out. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2023->

[10/ONU Integridade Informacao Plataformas Digitais Informe-Secretario-Geral 2023.pdf](#) . Acesso em: 12 maio 2025.

ONU - Organização das Nações Unidas. *Global Digital Compact*, 2024. Disponível em: https://www.un.org/global-digital--compact/sites/default/files/2024-09/Global%20Digital%20Compact%20-%20English_0.pdf. Acesso em: 3 maio 2025.

PEIXOTO, Mariana. A racionalidade neoliberal-conservadora em práticas de desinformação sobre a educação brasileira: enquadramentos discursivo-interseccionais. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, 2023. p.17-29. DOI: 10.14393/DLv17a2023-29.

SANTOS, Nina. Por que precisamos discutir a “integridade da informação”? *Le Monde Diplomatique*. Brasil. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/integridade-da-informacao/>. Acesso em: 13 março 2025.

SAYAD, Alexandre. Educação midiática e pensamento crítico: antídotos contra a "desinformação". In: COSTA, Maria Cristina; BLANCO, Patrícia (Orgs.). *Liberdade de expressão: questões da atualidade*. São Paulo: ECA-USP, 2019. p. 9-17.

SILVA, Tarcízio. *Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

THOMPSON, John B. *Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

UNESCO. *Media and Information Literate Citizens*. “Think Critically and Click Wisely”, 2021. Disponível: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377068>. Acesso em: 25 mar. 2025.

UNITED Nations. *Strategic Guidance on Information Integrity: Forging a pathway to Truth, Resilience and Trust*. 2022. Disponível em: <https://www.undp.org/publications/information-integrity-forging-pathway-truth-resilience-and-trust>. Acesso em: 17 maio 2025.

UNITED Nations. *Our Common Agenda – Policy Brief 8: Information Integrity on Digital Platforms*, 2023.

WARDLE, Claire; DERAKSHAN, Hossein. *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*, Council of Europe, set. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: 9 mar. 2025.

WLA-CdM – THE WORLD Leadership Alliance – Club de Madrid’s. *Protecting Information Integrity: National and International Policy Options*. Report of the Roundtable on Global Governance for Information Integrity. Sep. 2018. Disponível em <https://clubmadrid.org/wp-content/uploads/2019/03/Protecting-Information-Integrity-WEB.pdf> . Acesso em: 7 maio 2025.

Cátia Silene Câmara Lassalvia - Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Doutora em Linguística Aplicada, Unicamp. Mestre em Ciências Sociais, Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, Faculdade da Fundação Casper Líbero. Professora no Senac SP na área da Comunicação Digital.

E-mail: catia.lassalvia@gmail.com

Marco Túlio Pena Câmara - Universidade Federal do Tocantis – UFT

Doutor em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Graduado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor na Universidade Federal do Tocantins.

E-mail: marcotuliocamara@gmail.com

Maristella Gabardo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR

Doutora em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre Ênfase em estudos linguísticos, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Letras, UFPR. Professora do IFPR. Participa do programa VET/TAMK e do FITT/Finland sobre a educação finlandesa e metodologias ativas.

E-mail: maris.gabardo@ifpr.edu.br